

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**FILIPPE MARCOLINO JOÃO**

**ANÁLISE DE CRÉDITO DE PESSOA JURÍDICA EM UMA COOPERATIVA DE  
CRÉDITO COM BASE NAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS: UM ESTUDO EM  
EMPRESAS DO SETOR TÊXTIL DE MÉDIO PORTE**

**CRICIÚMA  
2015**

**FILIFE MARCOLINO JOÃO**

**ANÁLISE DE CRÉDITO DE PESSOA JURÍDICA EM UMA COOPERATIVA DE  
CRÉDITO COM BASE NAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS: UM ESTUDO EM  
EMPRESAS DO SETOR TÊXTIL DE MÉDIO PORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel, no Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof. (a) Esp. Realdo de Oliveira da Silva

**CRICIÚMA**

**2015**

**FILIFE MARCOLINO JOÃO**

**ANÁLISE DE CRÉDITO DE PESSOA JURÍDICA EM UMA COOPERATIVA DE  
CRÉDITO COM BASE NAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS: UM ESTUDO EM  
EMPRESAS DO SETOR TÊXTIL DE MÉDIO PORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
para obtenção do grau de Bacharel, no Curso  
de Ciências Contábeis da Universidade do  
Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, 15 de Junho.de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Esp. Realdo de Oliveira da Silva - (UNESC) - Orientador

---

Prof. Esp. Valcir Mantovani - (UNESC) - Examinador

**Este trabalho é dedicado a minha família,  
namorada e amigos, que pacientemente  
compreenderam minhas ausências, sempre  
me incentivando.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que esteve comigo nos momentos mais difíceis desta caminhada.

A minha família, por ter me apoiado nas horas que eu mais precisei, pelo exemplo de determinação e superação pelos conselhos e ensinamentos que me fizeram quem eu sou. Aos meus amigos e colegas de trabalho pelo apoio, paciência, compreensão e pelas risadas.

Aos meus companheiros de faculdade, por todo companheirismo e pelos bons momentos durante esta jornada difícil, em especial a minha namorada Pâmela, parceira fiel de faculdade, por sempre estar do meu lado me apoiando me dando força e motivação para eu nunca desistir.

Ao meu orientador Realdo, que com muita responsabilidade, dedicação e paciência não mediu esforços para me auxiliar na elaboração deste trabalho, compartilhando seu conhecimento, e colaborando para a conclusão desta etapa de crescimento da minha vida. Em fim a todos que de alguma forma contribuíram para esta conquista.

JOÃO, Filipe Marcolino. **Análise de crédito de pessoa jurídica em uma cooperativa de crédito com base nas demonstrações financeiras: um estudo em empresas do setor têxtil de médio porte.** 2015. 58 p. Orientador: Realdo de Oliveira da Silva. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Contábeis. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma – SC.

## RESUMO

Este trabalho consiste na apresentação de uma análise com base nas demonstrações financeiras no momento da concessão do crédito por uma cooperativa de crédito, destinado às empresas do setor têxtil. Este assunto tem como objetivo geral identificar prováveis riscos de inadimplência. Para a realização deste estudo foi necessário uma pesquisa bibliográfica e estudo de caso, onde serão abordados no referencial teórico os principais indicadores para análise financeira. Através do estudo de caso será realizada uma análise dos indicadores financeiros de três empresas, mensurando e comparando esses índices para demonstrar quais apresentam maior risco de inadimplência. Os resultados obtidos pelo estudo revelam que as empresas não apresentam índices satisfatórios, tais como: índice de liquidez, prazos médios de recebimento, grau de endividamento. Em relação aos resultados, percebe-se que as empresas necessitam apurar seus prazos médios para poder financiar seu caixa com capital de giro próprio, diminuindo assim suas necessidades de recursos terceiros, pois o estudo revela que ambas as empresas apresentam alto custo financeiro no final do exercício apurado. Pode-se concluir que é importante a análise com base nos demonstrativos financeiros antes de conceder o crédito, pois o estudo demonstra que as empresas estão com o grau de endividamento elevado, não possuindo capacidade de pagamento.

**Palavras-chaves:** Crédito. Análise de Crédito. Instituições Financeiras.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Balanço Patrimonial Empresa A.....	43
Quadro 2 – DRE Empresa A .....	44
Quadro 3 – Indicadores Empresa A .....	44
Quadro 4 - Balanço Patrimonial Empresa B.....	45
Quadro 5 – DRE Empresa B .....	46
Quadro 6 – Indicadores Empresa B .....	47
Quadro 7 - Balanço Patrimonial Empresa C.....	48
Quadro 8 – DRE Empresa C.....	49
Quadro 9 – Indicadores Empresa C .....	50

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Balanço Patrimonial – Ativo .....	21
Figura 2 – Balanço Patrimonial – Passivo .....	22
Figura 3 – Demonstração do Resultado .....	23
Figura 4 – Fluxo de Caixa Direto .....	25
Figura 5 – Fluxo de Caixa Indireto .....	26
Figura 6 – Liquidez corrente.....	27
Figura 7 – Liquidez Seca.....	28
Figura 8 – Liquidez Imediata .....	28
Figura 9 – Liquidez Geral .....	29
Figura 10 – Composição do endividamento .....	30
Figura 11 – Participação de Capitais de Terceiros.....	31
Figura 12 - Rentabilidade do Ativo .....	31
Figura 13 – Rentabilidade do Patrimônio Líquido.....	32
Figura 14 - Prazo Médio de Recebimentos das Vendas (PMRV).....	33
Figura 15 - Prazo Médio de Renovação dos Estoques (PMRE).....	33
Figura 16 - Prazo Médio de Pagamentos de Compras (PMPC).....	34
Figura 17 – Necessidade de Capital de Giro.....	36
Figura 18 – Saldo de Tesouraria .....	36
Figura 19 - Margem de contribuição .....	37



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

SERASA - Centralização de Serviços Bancários S.A.

BACEN - Banco Central do Brasil

PMRV - Prazo Médio de Recebimentos das Vendas

PMRE - Prazo Médio de Renovação dos Estoques

PMPC - Prazo Médio de Pagamentos de Compras

ACO – Ativo Circulante Operacional

PCO – Passivo Circulante Operacional

DRE – Demonstrativo do Resultado

PL – Patrimônio Líquido

ST – Saldo de Tesouraria

CCL – Capital Circulante Líquido

NCG – Necessidade de Capital de Giro

CV – Custo Variável

PV – Preço Venda

DV – Despesa Variável

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1 TEMA E PROBLEMA .....	11
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA .....	12
<b>1.2.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>12</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>12</b>
1.3 JUSTIFICATIVA .....	12
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>14</b>
2.1 CRÉDITO .....	14
<b>2.1.1 Risco de Crédito</b> .....	<b>14</b>
<b>2.1.2 Análise de Crédito</b> .....	<b>15</b>
2.2 CLASSIFICAÇÃO DO RISCO (RATING) .....	16
2.3 C'S DO CRÉDITO .....	17
<b>2.3.1 Caráter</b> .....	<b>17</b>
<b>2.3.2 Capacidade</b> .....	<b>17</b>
<b>2.3.3 Capital</b> .....	<b>18</b>
<b>2.3.4 Condições</b> .....	<b>18</b>
<b>2.3.5 Colateral</b> .....	<b>19</b>
<b>2.3.6 Conglomerado</b> .....	<b>19</b>
2.4 ANÁLISE DE CRÉDITO COM BASE NAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS .....	20
<b>2.4.1 Balanço Patrimonial</b> .....	<b>20</b>
<b>2.4.2 Demonstração do Resultado</b> .....	<b>22</b>
<b>2.4.3 Fluxo de Caixa</b> .....	<b>24</b>
2.4.3.1 Fluxo de Caixa Direto .....	24
2.4.3.2 Fluxo de Caixa Indireto .....	25
<b>2.4.4 Indicadores Econômicos Financeiros</b> .....	<b>26</b>
2.4.4.1 Liquidez .....	26
<b>2.4.5 Estrutura de Capital</b> .....	<b>29</b>
2.4.5.1 Composição de Endividamento .....	30
2.4.5.2 Participação de Capitais de Terceiros .....	30
<b>2.4.6 Rentabilidade</b> .....	<b>31</b>
2.5 PRAZOS MÉDIOS .....	32

<b>2.5.1 Prazo Médio de Recebimentos das Vendas – PMRV</b> .....	<b>32</b>
<b>2.5.2 Prazo Médio de Renovação dos Estoques – PMRE</b> .....	<b>33</b>
<b>2.5.3 Prazo Médio de Pagamentos de Compras – PMPC</b> .....	<b>34</b>
<b>2.6 ANÁLISE DE GIRO</b> .....	<b>34</b>
<b>2.6.1 Capital de Giro</b> .....	<b>34</b>
<b>2.6.2 Necessidade Capital de Giro</b> .....	<b>35</b>
<b>2.6.3 Saldo de Tesouraria</b> .....	<b>36</b>
<b>2.7 MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO</b> .....	<b>37</b>
<b>2.8 INADIMPLÊNCIA</b> .....	<b>37</b>
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>39</b>
<b>3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO</b> .....	<b>39</b>
<b>3.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>40</b>
<b>4 ESTUDO DE CASO</b> .....	<b>41</b>
<b>4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS</b> .....	<b>41</b>
<b>4.2 PRODUTOS E SERVIÇOS</b> .....	<b>41</b>
<b>4.3 CLIENTES</b> .....	<b>41</b>
<b>4.4 ETAPAS DO ESTUDO</b> .....	<b>42</b>
<b>4.5 ANÁLISE COM BASE NAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS</b> .....	<b>42</b>
<b>4.5.1 Análise do Balanço Patrimonial Empresa A</b> .....	<b>42</b>
<b>4.5.2 Análise do DRE Empresa A</b> .....	<b>43</b>
<b>4.5.3 Análise dos Indicadores Empresa A</b> .....	<b>44</b>
<b>4.5.4 Análise do Balanço Patrimonial Empresa B</b> .....	<b>45</b>
<b>4.5.5 Análise do DRE Empresa B</b> .....	<b>46</b>
<b>4.5.6 Análise dos Indicadores Empresa B</b> .....	<b>47</b>
<b>4.5.7 Análise do Balanço Patrimonial Empresa C</b> .....	<b>48</b>
<b>4.5.8 Análise do DRE Empresa C</b> .....	<b>49</b>
<b>4.5.9 Análise dos Indicadores Empresa C</b> .....	<b>49</b>
<b>4.6 COMENTÁRIO EMPRESAS A, B &amp; C</b> .....	<b>50</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo será apresentado o tema e o problema da pesquisa proposta, sendo a análise de crédito como fator para minimizar os riscos de inadimplência. Na sequência têm-se o objetivo geral e os objetivos específicos, os quais demonstram as ações a serem tomadas para responder o problema proposto, ademais apresenta-se à justificativa.

### 1.1 TEMA E PROBLEMA

As instituições financeiras têm como seu principal produto a concessão de crédito. Na impossibilidade do risco de inadimplência ser totalmente eliminado, os bancos necessitam aperfeiçoar a análise de crédito.

Deste modo buscam por meio dos demonstrativos contábeis e indicadores financeiros, analisar as informações disponibilizadas das empresas tomadoras de créditos para conhecer a real situação financeira, patrimonial, de liquidez e capacidade de pagamento. A preocupação do desenvolvimento da instituição financeira está ligada diretamente ao retorno do capital investido.

No atual cenário econômico as empresas estão inseridas em um mercado instável e concorrente. Nos últimos anos a concorrência vem se intensificando e cada vez fica mais difícil fidelizar o cliente e manter um preço competitivo. Com a redução de suas margens de lucro e a elevação dos custos, as empresas necessitam de capital de terceiros para honrar seus compromissos.

É necessária então, por parte das instituições financeiras, uma criteriosa análise da empresa no momento da liberação do crédito para que o risco de inadimplência seja reduzido.

Neste contexto, surge a seguinte questão problemática da pesquisa: De que forma uma cooperativa de crédito pode no momento da análise de crédito de Pessoa Jurídica, identificar prováveis riscos de inadimplência através das demonstrações financeiras?

## 1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

### 1.2.1 Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo identificar os prováveis riscos de inadimplência, no momento da análise de crédito de Pessoa Jurídica em uma cooperativa de crédito, com base nas demonstrações financeiras.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral deste estudo, torna-se indispensável alcançar os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Identificar os procedimentos necessários para diminuir os riscos existentes na concessão de crédito com base nas informações financeiras;
- ✓ Apresentar uma modelagem para análise de crédito a partir das demonstrações financeiras;
- ✓ Aplicar a modelagem para análise de empresas do segmento têxtil.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

Com a economia brasileira em queda e o mercado cada vez mais competitivo, as empresas precisam de mais recursos financeiros, seja de capital de terceiros ou capital próprio para se manter no mercado.

O crédito desempenha um fator de ampla importância para as empresas nesse cenário, visto que possibilita a realização de novas aquisições de matéria prima e capital de giro para o seu fluxo de caixa e/ou outros investimentos.

Com a necessidade de capital de terceiros as empresas recorrem às instituições financeiras para captar recursos, as quais, por consequência, necessitam de uma análise de crédito eficaz, por parte de seus analistas, para minimizar os riscos na concessão de crédito. Segundo Silva (2006) na análise do devedor é relevante a observância de alguns parâmetros, tais como, situação econômico-financeira, grau de endividamento, capacidade de geração de resultados,

fluxo de caixa, administração e qualidade de controles, pontualidade ou atrasos nos pagamentos, contingência, setor de atividade econômica, dentre outros.

A incidência de inadimplência acontece, normalmente, na ocasião em que há ausência de informações fidedignas no momento da análise de crédito, causada por falta de técnicas de gestão de riscos. Para Santos (2003) uma carteira de crédito com bom resultado prevê, antes de tudo, acompanhamento constante e o conhecimento do cliente e suas necessidades.

De forma prática, o tema desta pesquisa torna-se oportuno na medida em que apresenta, aos analistas de créditos das instituições financeiras, modelagem de gestão que minimizem os riscos na concessão do crédito com intuito de minimizar o risco da inadimplência.

O trabalho torna-se viável, em razão do pesquisador trabalhar em uma cooperativa de crédito como gerente de negócios pessoa jurídica, e ter acesso aos documentos das empresas que serão analisadas para o estudo e pelo fato do tema pesquisado ter acervo bibliográfico disponível.

Além disso, o presente estudo se justifica pelo crescimento da inadimplência que as empresas vem apresentando nos últimos anos, conforme pesquisa feita pela Serasa Experian divulgado pela revista exame em outubro de 2014.

A inadimplência das empresas no Brasil cresceu 13,4% em setembro ante igual mês do ano passado, a maior alta na comparação anual desde outubro de 2012, informou a Serasa Experian. No acumulado de janeiro a setembro de 2014, a inadimplência das empresas no país subiu 7,4%.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste estudo serão abordados temas com relação à análise de crédito, concessão de crédito, procedimentos necessários para diminuir os riscos, e os assuntos pertinentes a este.

### 2.1 CRÉDITO

Para Ferreira (2004) o crédito deriva de uma relação entre a parte que detém o bem ou recurso e a que pretende receber. A palavra crédito tem origem no latim *creditu* e significa segurança de que alguma coisa é verdadeira, confiança.

Segundo Santos (2000) Crédito em finanças é definido como a modalidade de financiamento em virtude da possibilidade e realização de transações comerciais entre empresas e seus clientes. Existem diferentes definições para a palavra crédito, que mudam de acordo com o contexto onde está é abordada.

De acordo Schrickel (2000, p. 25)

O patrimônio a ser concedido deve ser próprio. Com efeito, não nos é factível ceder coisa alheia sem expresse consentimento de seu legítimo proprietário. As instituições financeiras não seguem estritamente este postulado, porquanto são agentes intermediadores de riquezas (poupanças) e do meio circulante, devidamente autorizadas pelas autoridades monetárias. Atuando na captação e empréstimo de recursos.

Nesse sentido, percebe-se que o crédito é fundamental para impulsionar a economia do país, as instituições financeiras são intermediadoras de concessão de crédito visando resultados financeiros positivos. Salienta que umas das principais receitas dos bancos são os empréstimos, com isso exige que estes estejam preparados para decisões que minimizem os riscos que podem afetar seu resultado financeiro.

#### 2.1.1 Risco de Crédito

O risco de crédito está em evidencia em toda operação de crédito, o risco é a possibilidade da operação não se encerrar dá forma esperada. Para Gitman

(1997, p. 202-203), o risco é definido como “a possibilidade de prejuízo financeiro ou então a variabilidade de retornos associada a um determinado ativo”.

Segundo Schrickel (2000, p. 163) esclarece que:

O maior risco para o emprestado ao conceder crédito a indivíduos concentra-se no eventual colapso de suas finanças pessoais, seja porque perdeu o emprego, ou devido a um processo de separação litigiosa, um acidente ou doença grave em família, ou porque simplesmente extrapolou o limite da prudência na satisfação de suas necessidades infinitas de bens e serviços.

Os riscos estão ligados diretamente à atividade das instituições financeiras, sendo que sua principal receita está atrelada a concessão de crédito. A avaliação do risco para minimizar a inadimplência reflete a diversidade de informações disponíveis para análise.

Ainda para Schrickel (2000) o risco de crédito sempre estará presente em qualquer operação que o banco vier a fazer; porém risco deve ser compatível com a margem de lucro estimada pela instituição financeira.

A análise de crédito é imprescindível, tendo como seu objetivo minimizar os riscos nas instituições financeiras, por meio da análise examina a capacidade de pagamento e fragilidades do tomador assim auxiliando a redução da inadimplência.

### **2.1.2 Análise de Crédito**

Para que a instituição financeira reduza os riscos de inadimplência é de suma importância uma análise de crédito criteriosa para conhecer a empresa e as informações apresentadas.

A análise de crédito envolve tomada de decisões importantes para as instituições financeiras que concedem crédito diariamente e estão sujeitas a perdas.

Segundo Santos (2006, p. 43) “análise de crédito incide em averiguar se o cliente possui idoneidade e capacidade financeira para saldar a dívida”.

Schrickel (2000, p. 25) diz que:

O principal objetivo da análise de crédito numa instituição financeira (como para qualquer emprestador) é o de identificar os riscos nas situações de empréstimo, evidenciar conclusões quanto à capacidade de pagamento do tomador, e fazer recomendações relativas à melhor estruturação, e tipo de 30 empréstimos a conceder, à luz das necessidades financeiras do solicitante, dos riscos identificados e mantendo, adicionalmente, sob perspectiva, a maximização dos resultados da instituição.



Para Hoji (2001) a análise de crédito deve ser constantemente observada e atualizada, as informações podem ser obtidas por órgãos de serviços de Proteção de Crédito (SPC) e a Centralização de Serviços Bancários S.A (Serasa).

Schrickel (2000) completa que a análise de crédito e tomada com base em informações e decisões, que devem ser materiais e claras. E não verificar apenas a análise de crédito, sugerir ou tentar viabilizar recursos inviáveis de alto custo, e sim valer-se sobre qualquer ocasião à política de resultados.

Para Silva (2006, p. 121), “a matéria-prima para a decisão de crédito é a informação. A obtenção de informações seguras e o adequado tratamento das mesmas compõem um embasamento concreto para a concessão de crédito”.

Com isso é necessário que os analistas dos bancos usem a ferramenta “C’s do Crédito” para analisar o tomador e obter informações fidedignas para a tomada de decisão.

## 2.2 CLASSIFICAÇÃO DO RISCO (RATING)

Conforme BM&FBOVESPA, as agências de classificação de risco (agências de *rating*) são instituições que estabelecem critérios de classificação de risco de créditos de títulos, empresas e países. Tais critérios se baseiam principalmente na capacidade de geração de caixa da empresa emissora e nas garantias e fianças por elas oferecidas. As classificações de risco (“*rating*”) disponíveis nesse site referem-se às emissões e não aos emissores, constituindo uma opinião das respectivas agências na data de emissões dos títulos. As atualizações e eventuais alterações de “*rating*” devem ser obtidas junto as respectivas agências ou emissores.

Segundo Securato (2012, p. 61) as agências de “*rating*” são organizações que fornecem serviços de análises, operando sob os princípios da independência, objetividade, credibilidade e *disclosure*. No Brasil a classificação do risco de crédito por agências especializadas é a mais recente, as principais classificadoras são a Serasa, a *Austin Asis*, a *SR Rating* e *Atlantic Rating*. A classificação de risco de crédito por instituições financeiras tornou-se obrigatória partir da Resolução 2.682, de 21 dezembro de 1999, do Banco Central do Brasil (BACEN).

## 2.3 C'S DO CRÉDITO

Na concessão do crédito os analistas precisam de informações para avaliar o risco para minimizar futuras perdas. Então é necessário estabelecer diretrizes a análise. Com isso a avaliação do tomador é feita com base nas informações estabelecidas com base dos C's do crédito: caráter, capacidade, capital, colateral, condições, conglomerado.

Para Silva (2006) a decisão baseia-se na experiência adquirida, disponibilidade de informações e sensibilidade de cada analista quanto ao risco de crédito, os C's do crédito são utilizados pelos analistas para a tomada de decisão.

Para melhor entendimento dos C's do Crédito, aborda-se na sequência deste trabalho os 6 C's como ferramenta para análise do crédito.

### 2.3.1 Caráter

Caráter é o conjunto de boas ou más qualidades que definem tanto a vontade quanto a determinação do tomador de cumprir a obrigação referente ao crédito. A análise do caráter deve ser feita através de referências comerciais e consultas por meio do SERASA/Experian e SPC.

O caráter pode ser considerado o mais importante dos itens analisados, pois sem este os outros ficam anulados.

Assim, conclui-se que o tomador pode ter um bom caráter, no entanto pode acontecer que algum fator venha a impedir que o mesmo não tenha capacidade de honrar com suas obrigações. Com isso se faz necessário analisar junto os C's do crédito em conjunto.

### 2.3.2 Capacidade

Capacidade é a mensuração dos fatores internos que afetam a geração de caixa utilizada no cumprimento de suas obrigações, a capacidade está relacionada à habilidade dos sócios ou administradores de gerirem, estratégica e operacionalmente, a empresa. Análise da capacidade envolve a visão de futuro da empresa, pois se faz necessário avaliar se a formação de geração de caixa, existente no presente, pode deixar de existir no futuro.

Para Schrickel (2000, p. 51):

Até a alguns anos a capacidade dos tomadores de crédito era menos crítica que nos dias atuais. Grande parcela das decisões dos emprestadores repousava na reputação familiar do tomador potencial. A tradição das gerações passadas é que dava suporte, e mesmo “bancava” as decisões de emprestar. Porém, este cenário mudou significativamente a partir do processo de aceleração da industrialização do país (segunda metade deste século).

Uma empresa bem administrada pelos seus gestores tem melhores chances de ter capacidade de pagamento para honrar com os compromissos financeiros.

### **2.3.3 Capital**

Capital é a mensuração da situação patrimonial do tomador, ou seja, nas empresas o capital é mensurado por meio da análise dos demonstrativos financeiros, por meio da análise do capital, são obtidas informações sobre a renda, faturamento, custos, despesas e endividamento.

Segundo Silva (2000, p. 97), O capital refere-se à situação econômico-financeira da empresa, no que diz respeito a seus bens e recursos possuídos para saldar seus débitos.

Para Schrickel (2000), o capital, portanto, compreende a análise dos demonstrativos contábeis para obter dados valiosos sobre o desempenho e a solidez de determinada empresa.

### **2.3.4 Condições**

Refere-se aos fatores externos e macro-econômicos que podem afetar a geração de caixa da empresa causando descontrole no caixa de empresa, causando a falta do pagamento.

Santos (2000, p. 47) afirma que:

Uma análise do impacto de fatores sistemáticos ou externos sobre a fonte primária de pagamento (renda ou receita). A atenção nessa informação é de extrema importância para a determinação do risco total de crédito, uma vez que, dependendo da gravidade do fator sistemático – exemplos típicos de situação recessiva com aumento nas taxas de desemprego.

Para Schrickel (1997), o analista de crédito deve observar fatores como a sazonalidade do produto do cliente, o ramo de sua atividade, porte da empresa, dentre diferentes fatores que influenciam a análise da qualidade da operação.

### **2.3.5 Colateral**

Refere-se à riqueza patrimonial, ou seja, as garantias que os sócios da empresa poderão oferecer ao credor. As garantias não asseguram que haverá a liquidação do crédito por parte do tomador, mas passa maior segurança à instituição financeira. Silva (1997, p. 96) refere-se à dimensão colateral “como sendo a capacidade do indivíduo ou empresa de oferecer ativos complementares para garantir segurança ao crédito solicitado”.

Para Gitman (2001, p. 63):

Colateral (Garantia Real) é o montante de ativos que o requerente tem disponíveis para o uso em dar garantia ao crédito. Quanto maior o montante de ativos disponíveis, maior a chance que uma empresa tem de reaver seus recursos se o requerente faltar com sua obrigação. Uma análise de balanço e avaliações do valor dos ativos do requerente, assim como quaisquer demandas legais levantados contra os ativos do requerente, pode ser usada para avaliar sua garantia real.

Desta forma, colateral é a capacidade do tomador em oferecer garantias adicionais, visando maiores garantias e segurança para a instituição financeira caso o tomador venha não cumprir com o pagamento.

### **2.3.6 Conglomerado**

Conglomerado representa a análise do grupo econômico ao qual o tomador pertence. A análise do conglomerado pode afetar diretamente o C's.

Segundo Santos (1998), o conglomerado está unido com a análise dos conjuntos das entidades, que são interligadas com a organização solicitante do crédito, bem como os sócios destas.

Silva (1998), diz que não é suficiente conhecer apenas a situação da empresa tomada, é preciso conhecer também as empresas coligadas ou controladoras para se formar um único conceito sobre a solidez do conjunto.

Uma empresa deve ser avaliada, quando for o caso, no âmbito do grupo de empresas que eventualmente a contenha. Desse modo, no caso de grupo de empresas, não basta conhecer a situação de uma empresa isolada, é necessário o exame de sua controladora ou de suas controladas e interligadas e coligadas. Muitas vezes uma empresa em si não comporta o crédito, mas o grupo ao qual pertence sim. [...]. (BLATT, 1999, p. 47)

Com base nas informações apresentadas na análise do conglomerado, a concessão do crédito para a empresa analisada pode ser negada, sendo que o conglomerado pode demonstrar fragilidades.

## 2.4 ANÁLISE DE CRÉDITO COM BASE NAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

Para uma boa análise de crédito é de suma importância ter como base as informações dos demonstrativos financeiro e contábeis.

Para Assaf Neto (2007, p. 213) a análise de estrutura financeira de uma empresa envolve o estudo de um conjunto de indicadores operacionais que refletem todas as decisões tomadas em relação ao capital de giro e seu equilíbrio financeiro.

### 2.4.1 Balanço Patrimonial

O balanço patrimonial evidencia a situação da empresa em determinado momento. Para Santos (2000) balanço patrimonial é uma demonstração contábil que apresenta de um lado, um grupo de contas que representa os bens e direitos que a empresa possui, chamado ativo, e do outro lado apresenta um grupo de contas que representa as obrigações e o capital próprio, chamado de passivo.

Para Matarazzo (2010, p. 27) “o balanço patrimonial demonstra as fontes de onde provieram os recursos utilizados para a empresa operar – Passivo e Patrimônio Líquido; e os bens e direitos em que esses recursos se acham investidos”.

Segue abaixo a figura 1, demonstrando o modelo do Balanço Patrimonial, evidenciado o modelo do ativo.

Figura 1 – Balanço Patrimonial – Ativo

<b>Balanço Patrimonial - Indústria Hipotética</b>		
<b>ATIVO</b>	<b>31-12-2005</b>	<b>31-12-2004</b>
<b>CIRCULANTE</b>		
Caixas e Bancos	4.684	8.058
Aplicações Financeiras		
Contas a Receber	64.339	12.781
Estoques	57.839	68.097
Impostos a Recupera	3.139	9.373
Imposto de renda e contribuição social diferidos	3.839	4.155
Dividendos propostos a receber	48.132	863
Demais contas a receber	748	514
Despesas do exercício seguinte	<u>1.118</u>	<u>1.312</u>
	<u>183.838</u>	<u>166.581</u>
<b>NÃO CIRCULANTE</b>		
Imposto de renda e contribuição social diferidos	8.212	4.651
imposto a recuperar	24.696	14.321
Depósitos judiciais	658	652
Demais contas a receber	<u>2.069</u>	<u>1.369</u>
	<u>35.635</u>	<u>20.903</u>
<b>PERMANENTE</b>		
Investimentos		
Sociedades controladas e coligadas	1.090.791	850.298
Outros	19.090	19.100
Imobilizado	185.650	162.867
Diferido	<u>7.188</u>	<u>1.858</u>
	<u>1.302.649</u>	<u>1.034.123</u>
<b>TOTAL</b>	<u>1.522.122</u>	<u>1.221.607</u>

Fonte: Adaptado Morante (2007)

Segundo Assaf (2012) ativo é todos os bens e direitos da empresa, os quais possam gerar benefícios futuros. Para Ludícibus, Martins, Gelbcke (2007, p. 6) é importante que as contas sejam classificadas no balanço de forma ordenada e uniforme, para permitir ao usuário uma adequada análise e interpretação da situação patrimonial e financeira.

Em seguida será demonstrado o modelo do Balanço Patrimonial, a figura 2 é dividida entre Passivo e Patrimônio líquido.

Figura 2 – Balanço Patrimonial – Passivo

<b>Balanço Patrimonial - Indústria Hipotética</b>		
<b>Passivo</b>	<b>31-12-2005</b>	<b>31-12-2004</b>
<b>CIRCULANTE</b>		
Financiamentos	32.111	23.988
Fornecedores	36.240	23.659
Salários e Encargos Sociais	17.813	32.084
Obrigações Tributárias	375	751
Dividendos Propostos a pagar	64.605	8.849
Imposto de renda e contribuição social diferidos	176	241
Demais contas a pagar	<u>1.997</u>	<u>3.197</u>
	<u>153.317</u>	<u>92.769</u>
<b>NÃO CIRCULANTE</b>		
Financiamentos	53.087	61.899
Sociedades relacionadas	47.714	
Impostos de renda e contribuição social diferidos	23.588	30.873
Outros impostos e contribuições	13.912	12.801
Demais contas a pagar	<u>343</u>	<u>191</u>
	<u>138.644</u>	<u>105.764</u>
<b>PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>		
Capital Social	510.823	387.552
Reservas de Reavaliação	2.414	3.193
Reservas de Lucro	716.924	632.329
	<u>1.230.161</u>	<u>1.023.074</u>
<b>TOTAL DO PASSIVO</b>	<u>1.522.122</u>	<u>1.221.607</u>

Fonte: Adaptado Morante (2007)

Para Iudícibus, Martins, Gelbcke (2007) o passivo é composto pelas exigibilidades e obrigações da empresa, é demonstrado em ordem decrescente, ou seja, em primeiro lugar as contas cuja exigibilidade ocorra antes.

#### 2.4.2 Demonstração do Resultado

Com as informações apresentadas na demonstração do resultado é possível saber a real situação econômica de determinada empresa.

Para Santos (2000) a demonstração do resultado, tem como objetivo evidenciar a situação financeira da empresa, sendo os valores cumulativos das

receitas, custos e despesas realizadas por um período (exemplo: mês, trimestre, semestre, ano).

Silva (2001, p.80) comenta que a demonstração do resultado do exercício, conforme o próprio nome sugere, demonstra o resultado obtido pela empresa em determinado período, isto é, o lucro ou prejuízo.

Ainda para Ludícibus (2007, p. 37).

A demonstração do resultado é um resumo ordenado das receitas e despesas da empresa em determinado período (12 meses). É apresentada de forma dedutiva (vertical), ou seja, as receitas subtraem-se as despesas e, em seguida, indica-se o resultado (lucro ou prejuízo).

Segue figura 3 com modelo do demonstrativo do resultado.

Figura 3 – Demonstração do Resultado

<b>Demonstração do Resultado</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA</b>
( - ) Custo dos Produtos Vendidos ou Serviços Prestados
<b>= RESULTADO BRUTO</b>
<b>( - ) DESPESAS OPERACIONAIS</b>
( - ) Despesas de Vendas
( - ) Despesas Administrativas
( + ) Receitas Financeiras
( - ) Despesas Financeiras
( - ) Outras Receitas e Despesas Operacionais
<b>= RESULTADO OPERACIONAL</b>
( - ) Provisão para IR e Contribuição Social
<b>= RESULTADO LÍQUIDO ANTES DAS PARTICIPAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES</b>
( - ) Participações
( - ) Contribuições
<b>= LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO</b>
( + ) Juros sobre o Capital Próprio
<b>= LUCRO LÍQUIDO POR AÇÃO</b>

Fonte: Adaptado Morante (2007)



Para Matarazzo (2010) o demonstrativo do resultado do exercício, compreende que todas as receitas e despesas apresentadas não são ordenadas de acordo com a sua natureza, mostrando informações significativas sobre a empresa.

### **2.4.3 Fluxo de Caixa**

Para Assaf Neto (2007) fluxo de caixa é um instrumento que possibilita a análise e controle financeiro das empresas, e indispensável para o processo de decisão.

Segundo Matarazzo (2008) o fluxo de caixa não depende apenas dos administradores da empresa, pois todas as decisões tomadas, referente aos prazos de vendas, prazos obtidos pelos fornecedores podem influenciar no seu fluxo de caixa.

Ainda para Assaf (2008, p. 39) conceitualmente fluxo de caixa é um instrumento que relaciona os ingressos e saídas (desembolsos) de recursos monetários no âmbito de uma empresa em determinado intervalo de tempo.

As demonstrações do fluxo de caixa podem ser elaboradas de diferentes formas, em seguida mostraremos o fluxo de caixa direto e indireto.

#### **2.4.3.1 Fluxo de Caixa Direto**

Segundo Silva (2001) o método de fluxo de caixa direto permite ao analista verificar as entradas e saídas de dinheiro da empresa.

Para Ludícibus, Maeryins, Gelbcke (2007, p. 445) o método direto explicita as entradas e saídas brutas de dinheiro dos principais componentes das atividades operacionais, como os recebimentos pelas vendas de produtos e serviços e os pagamentos a fornecedores e empregados.

O fluxo de caixa direto pode ser demonstrado da seguinte forma conforme figura 4.

Figura 4 – Fluxo de Caixa Direto

<b>ENTRADAS</b>
+ Recebimentos de Clientes
<b>SAIDAS</b>
- Pagamentos a Fornecedores
- Impostos Recolhidos
- Pagamento de Pessoal
- Despesas Gerais
- Imposto sobre o Lucro
<b>= Saldo das atividades Operacionais</b>
+/- Entradas/Saídas das atividades de investimento
<b>= Saldo das atividades de Investimento</b>
+/- Entradas/Saídas das atividades de Financiamento
<b>= Saldo das Atividades de Financiamento</b>
<b>= Saldo do Período</b>
+ Saldo Inicial das disponibilidades
<b>= Saldo Disponível</b>

Fonte: Adaptado Padoveze (2009)

O fluxo de caixa direto mostra o saldo final das operações providas ou consumidas em determinado período, providas das atividades operacionais das empresas.

#### 2.4.3.2 Fluxo de Caixa Indireto

Segundo Silva (2001, p. 448) o fluxo de caixa indireto parte do lucro líquido e faz uma série de ajustes para chegar ao fluxo de caixa operacional líquido, os itens relacionados às decisões estratégicas, como integralização de capital, tomada de recursos de longo prazo e aquisição de ativos permanentes.

Para Assaf Neto (2002, p. 50):

A obtenção do fluxo de caixa proveniente das operações pode ser feita de forma indireta, partindo do lucro líquido do exercício, simplificada, devem-se fazer ajustes ao valor do lucro líquido as variações do capital de giro, exceto os empréstimos bancários; somar (ou subtrair) as despesas e receitas que não representam desembolso de recursos; e retirar os itens que estão na demonstração do resultado que não estão diretamente relacionados com as operações da empresa, com por exemplo, o resultado da venda de imóveis.

O fluxo de caixa indireto é calculado conforme figura 5

Figura 5 – Fluxo de Caixa Indireto

Lucro Líquido
+ Variações de Valores a Receber
+ Variações de Estoques
+ Variações de Fornecedores
+ Variações de IR a pagar
+ Depreciação
= Fluxo de Caixa proveniente das Operações

Fonte: Adaptado Assaf Neto (2002)

O fluxo de caixa indireto é um aspecto positivo, é uma informação muito utilizada na prática financeira, pois evidencia as alterações referentes ao caixa da empresa.

#### 2.4.4 Indicadores Econômicos Financeiros

Os indicadores econômicos financeiros são dados extraídos das demonstrações financeiras das empresas.

Para Padoveze (2009, p. 208) o objetivo básico dos indicadores econômico-financeiro é evidenciar a posição atual da empresa, ao mesmo tempo em que tentam inferir o que pode acontecer no futuro com a empresa. Caso aquela situação detectada pelos indicadores tenha sequência.

##### 2.4.4.1 Liquidez

Para Santos (2000, p. 67) liquidez é a capacidade de pagamento de dívidas (curto e longo prazo). Segundo Santos (2001) liquidez é um indicador de análise que afere a capacidade da empresa em honrar suas obrigações, fazendo um paralelo entre os direitos realizáveis e as exigibilidades.

De acordo com Assaf (2007, p. 119), Os indicadores de liquidez visam medir a capacidade de pagamento (folga financeira) de uma empresa, ou seja, sua habilidade em cumprir corretamente suas obrigações passivas assumidas.

Desta forma, podemos complementar que os principais índices de que medem a liquidez de uma empresa são: liquidez corrente, liquidez seca, liquidez imediata e liquidez geral.

#### 2.4.4.1.1 Liquidez corrente

Para Morante (2007) o índice de liquidez corrente demonstra a capacidade que a empresa tem em transformar seu ativo circulante em curto prazo para liquidar suas dívidas no curto prazo, sendo que para efeito de análise financeira quanto maior seu índice, maior será a probabilidade da empresa honrar com suas obrigações.

Segundo Ludícibus (2007) este índice relaciona quanto à empresa dispõe imediatamente conversíveis em dinheiro em relação a dívidas em curto prazo.

O índice de Liquidez Corrente pode ser calculado da seguinte forma conforme figura 6.

Figura 6 – Liquidez corrente

Liquidez corrente =	$\frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$
---------------------	---

Fonte: Adaptado Assaf Neto (2006)

Para Assaf Neto (2006) a liquidez corrente indica o quanto existe de ativo circulante para cada um real de dívida do curto prazo, sendo assim, demonstra que quanto maior o índice, melhor a situação da empresa.

#### 2.4.4.1.2 Liquidez Seca

Para Ludícibus (2007) o índice de liquidez seca é uma variante que se pode avaliar a situação de liquidez da empresa muito utilizada por emprestadores de capitais (banco), sendo que no cálculo é subtraído os estoques, sendo que o mesmo é uma fonte de incerteza, pois sua liquidez tem uma atraso relevante para se

converte em moeda. O índice apresenta uma posição bem confortável da empresa em determinado momento.

Segundo Assaf Neto (2006) o índice de liquidez seca demonstra a porcentagem de dívidas a curto prazo em condições de serem salgadas mediante a utilização de itens de maior liquidez do ativo circulante.

Abaixo a figura 7 demonstra a fórmula para a Liquidez Seca:

Figura 7 – Liquidez Seca

$$\text{Liquidez Seca} = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques} - \text{Despesas Antecipadas}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Fonte: Adaptado Assaf Neto (2006)

Para Morante (2007) o índice de liquidez seca é bastante exigente, e seu resultado para efeito de análise financeira será considerado, quanto maior melhor para segurança dos seus credores.

#### 2.4.4.1.3 Liquidez Imediata

Para Iudícibus (2008) o índice de liquidez imediata representa quanto a empresa dispõe para saldar imediatamente as dívidas de curto prazo.

Morante (2007, p. 33) afirma que esse índice tem o objetivo de demonstrar a capacidade de pagamento de todo o passivo circulante com os recursos disponíveis (moeda corrente) no momento da análise.

O índice de Liquidez Imediata pode ser calculado da seguinte forma conforme figura 8.

Figura 8 – Liquidez Imediata

$$\text{Liquidez Imediata} = \frac{\text{Disponível}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Fonte: Adaptado Assaf (2006)

Segundo Martins, Diniz e Miranda (2014, p. 129) esse indicador é pouco utilizado pelos analistas, porque diz muito pouco em termos de informações. Além disso, apresenta diferenças temporais entre numerador e denominador, pois as disponibilidades, como o próprio nome já diz são valores em espécie ou equivalentes.

#### 2.4.4.1.4 Liquidez geral

Para Silva (2001) liquidez geral demonstra quanto à empresa possui em dinheiro, bens e direitos realizáveis a curto e longo prazo para saldar suas dívidas totais.

Segundo Iudícibus (2007, p. 93) o índice de liquidez geral serve para detectar a saúde financeira da empresa (no que se refere à liquidez) de longo prazo do empreendimento.

Abaixo a mostra-se o cálculo para a Liquidez Seca conforme figura 9.

Figura 9 – Liquidez Geral

$$\text{Liquidez Geral} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$$

Fonte: Adaptado Assaf (2006)

Silva (2001) finaliza que o índice de liquidez geral é um indicador que, se a empresa fosse parar suas atividades na data da análise, teria dinheiro (disponibilidade) para pagar suas dívidas sem envolver o ativo permanente.

#### 2.4.5 Estrutura de Capital

Estrutura de capital via de regra se dá pela forma de como a empresa se financia, seja com capital próprio ou capital de terceiros, ou seja, como seus recursos estão distribuídos.

Segundo Morante (2007, p. 36) a porta de entrada de uma empresa, é o passivo. Pelo passivo temos a possibilidade de registrar a entrada dos capitais de terceiros, e dos capitais próprios.

Ainda para Morante (2007. p. 36):

ai que os índices mostram a estrutura da capital são importantes. Eles vão indicar como a empresa está em relação a melhor distribuição entre os capitais próprios e os capitais de terceiros, se esta distribuição é conveniente ou inconveniente, financeiramente, se está de acordo com o setor, e em especial se tem condições de arcar com o pagamento de despesas financeiras motivadas pela ida a bancos.

Para Assaf Neto (2012, p. 503) estrutura de capital de uma empresa se se refere à composição de suas fontes de financiamentos a longo prazo, oriundas de capital de terceiros (exigível) de capital próprio (patrimônio líquido).

#### 2.4.5.1 Composição de Endividamento

Para Morante (2007) a composição do endividamento indica a relação entre as obrigações da empresa com seus fornecedores a curto prazo,

Segundo Martins, Diniz e Miranda (2014, p. 140):

A composição do endividamento serve para analisar a solvência de uma entidade, é importante conhecer os prazos de vencimento e dívidas nesse sentido, o índice de composição do endividamento revela quanto da dívida total (passivo circulante + passivo não circulante) com terceiros e exigível a curto prazo (passivo circulante).

Desta forma podemos calcular a composição de endividamento da seguinte forma conforme figura 10.

Figura 10 – Composição do endividamento

$\text{Composição do endividamento} = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Capitais de terceiros}} \times 100$
--

Fonte: Adaptado Morante (2007).

Para Silva (2001) a composição do endividamento é interpretado no sentido que quanto maior, pior, sendo que quanto maior for a dívida da empresa a curto prazo, maior será a necessidade de recurso para honrar com seus compromissos.

#### 2.4.5.2 Participação de Capitais de Terceiros

Para Silva (2001) a participação de capitais de terceiros é o índice que demonstra o percentual de capital de terceiros em relação ao patrimônio líquido, retratando a dependência da empresa com recursos externos.

Podemos calcular o índice de participação de capital de terceiros conforme figura 11.

Figura 11 – Participação de Capitais de Terceiros

$$\text{Participação de Capitais de Terceiros} = \frac{\text{Capitais de terceiros}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$$

Fonte: Adaptado Morante (2007)

Segundo Morante (2007, p.37) o objetivo é indicar quanto a empresa recorreu a capitais de terceiros, para cada unidade de capital próprio, seu resultado para efeito de análise financeira será considerado, quanto menor melhor.

#### 2.4.6 Rentabilidade

Rentabilidade indica o retorno que a empresa terá para poder dar continuidade no seu negócio, trata-se do retorno esperado sobre um investimento pelos seus sócios ou acionistas.

Para Morante (2007, p. 40) rentabilidade tem como objetivo indicar o potencial de venda em relação aos investimentos que foram destinados ao ativo total, ou quantas unidades monetárias consegue vender em relação ao total do ativo.

Segundo Iudícibus (2007) Os índices de rentabilidade demonstram os resultados obtidos pela empresa em determinado período de tempo, para essa análise pode ser utilizado tanto o volume de vendas, valor do ativo total, valor do patrimônio líquido ou valor do ativo operacional.

A figura 12 demonstra a fórmula para análise da rentabilidade do ativo.

Figura 12 - Rentabilidade do Ativo

$$\text{Rentabilidade do Ativo} = \frac{\text{Lucro Líquido} \times 100}{\text{Ativo Total}}$$

Fonte. Adaptado Iudicibus (2002)

Ribeiro (2002) afirma que a rentabilidade do ativo mede a capacidade de geração de lucro da empresa, ou seja, qual o lucro para cada real investido, esse índice é considerado pelos analistas, quanto maior, melhor será a situação financeira da empresa.

A figura 13 demonstra a fórmula para o cálculo da rentabilidade do patrimônio líquido.



Figura 13 – Rentabilidade do Patrimônio Líquido

Rentabilidade do Patrimônio Líquido =	$\frac{\text{Lucro Líquido} \times 100}{\text{Patrimônio Líquido}}$
---------------------------------------	---

Fonte. Adaptado Ribeiro (2002)

Segundo Braga (2006) o índice de rentabilidade do patrimônio líquido afere à taxa de retorno sobre capital investido pelos sócios, ou seja, capital próprio, em tese denomina-se que essa taxa tem que ser maior que a média de juros do mercado. Para fins de análise, a rentabilidade do patrimônio líquido calcula-se que quanto maior melhor.

## 2.5 PRAZOS MÉDIOS

Segundo Matarazzo (2010. p, 260) umas das descobertas mais interessantes da análise de balanços, é a que, através das demonstrações financeiras, podem ser calculados, por exemplo, quantos dias, em média, a empresa terá de esperar para receber suas duplicatas.

Para Assaf Neto (2001) os indicadores da atividade operacional, permite que seja analisado o desempenho da empresa e sua necessidade de captação de recursos de terceiros para investimento.

Matarazzo (2010) ressalta que os prazos médios não devem ser analisados individualmente, mais sim em conjunto.

Com base nessas informações podemos calcular basicamente três tipos de prazos médios com base nas demonstrações financeiras que envolvem o ciclo operacional de determinada empresa, que são: prazo médio de recebimentos das vendas, prazo médio de renovação dos estoques e prazo médio de pagamentos de compras.

### 2.5.1 Prazo Médio de Recebimentos das Vendas – PMRV

Para análise do prazo médio de recebimentos das vendas, devem ser considerados 100% de vendas, tanto a vista quanto a prazo.

Segundo Silva (2001. p, 247) o prazo médio de recebimentos de vendas indica quanto dias, em média à empresa leva para receber suas vendas. O volume

de duplicatas a receber é decorrente de dois fatores básicos: (a) montante de vendas a prazo; e (b) prazo concedido aos clientes para pagamento.

Podemos calcular o prazo médio de recebimentos das vendas (PMRV) conforme figura 14.

Figura 14 - Prazo Médio de Recebimentos das Vendas (PMRV)

$$\text{PMRV} = \frac{\text{Duplicatas a Receber}}{\text{Vendas}} \times 360$$

Fonte Adaptado Matarazzo (2010)

Silva (2001) finaliza que o prazo de recebimentos de vendas é um indicador que, quanto maior pior, porém não se pode deixar de analisar os outros índices de prazos médios.

### 2.5.2 Prazo Médio de Renovação dos Estoques – PMRE

O Prazo médio de renovação dos estoques demonstra o prazo médio de dias que uma mercadoria fica armazenada. Como qualquer ativo, o estoque também requer uma análise criteriosa, pois é recurso parado dentro da empresa.

Segundo Silva (2001, p. 245) o prazo médio de rotação dos estoques indica quantos dias, em média, os produtos ficam armazenados na empresa antes de serem vendidos. O volume de estoques mantido por uma empresa decorre fundamentalmente do seu volume de vendas e de sua política de estocagem.

Dessa forma podemos calcular o prazo médio de renovação dos estoques (PMRE) conforme figura 15.

Figura 15 - Prazo Médio de Renovação dos Estoques (PMRE)

$$\text{PMRE} = \frac{\text{Estoques}}{\text{Custo das Mercadorias Vendidas}} \times 360$$

Fonte: Adaptado Matarazzo (2010)

Silva (2001) destaca que a empresa precisa manter adequado volume de estoque para atender seus clientes, caso ocorra algum problema de atraso por parte de seus fornecedores.

### 2.5.3 Prazo Médio de Pagamentos de Compras – PMPC

O prazo médio de pagamentos de compras demonstra quantos dias à empresa demora a pagar seus fornecedores. Porém, conforme alguns autores, o cálculo para achar o prazo de pagamentos de compras, muda conforme o tipo de empresa, comercial ou industrial.

Desta forma, Santos (2001, p. 337) diz que nas empresas comerciais as compras correspondem ao custo de mercadoria vendida, mais a variação dos estoques. Por outro lado nas empresas industriais, há maior complexidade para o analista externo calcular o volume de compras efetuado no período.

Nesse sentido podemos calcular o prazo médio de pagamentos de compras conforme figura 16.

Figura 16 - Prazo Médio de Pagamentos de Compras (PMPC)

PMPC =	$\frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras}}$	360 x
--------	--	-------

Fonte: Adaptado Matarazzo (2010)

Assim para fins de análise, Perez Junior e Begalli (2002) afirmam que quanto maior for o prazo de pagamentos de seus fornecedores melhor será para a empresa.

## 2.6 ANÁLISE DE GIRO

Para Martins, Miranda e Diniz (2014, p. 151) uns dos grandes desafios de uma entidade é manter a situação financeira equilibrada, de tal forma que os compromissos assumidos sejam cumpridos com o menor impacto possível na rentabilidade da organização.

### 2.6.1 Capital de Giro

Capital de giro é um recurso que as empresas possuem em um curto espaço de tempo para cumprir com suas obrigações diárias em sua rotina.

Segundo Assaf Neto (2007) capital de giro representa a disponibilidade total da empresa em cumprir com suas obrigações em seu ciclo operacional, esse ciclo começa a partir do momento da compra da matéria-prima, até a venda e recebimentos dos produtos finais. Ou seja, a empresa precisa ter recursos em caixa para cumprir com seus pagamentos antes do recebimento das vendas realizadas.

Para Padoveze (2009, p. 112) capital de giro é a terminologia utilizada para designar os valores investidos no ativo circulante. Os valores investidos no realizável a longo prazo não são consideráveis capital de giro.

Brom, Balian (2007, p. 57) afirmam que a gestão de capital de giro é de fundamental importância, pois o caixa reflete o que ocorre na organização da empresa.

Ainda para Brom, Balian (2007, p. 57) afirmam que:

Uma empresa “descapitalizada” significa não dispor de capital de giro suficiente para honrar seus compromissos antes da data de seus recebimentos e exige um profundo estudo dos fatores que levaram-na a essa situação.

Brom, Balian (2007) afirmam que o capital de giro é o recurso que a empresa precisa ter em caixa para poder girar suas operações.

### **2.6.2 Necessidade Capital de Giro**

Para Vieira (2005) a necessidade de capital de giro (NCG) ocorre quando o caixa de uma empresa não consegue honrar suas obrigações antes dos seus recebimentos.

Para Brom e Balian (2007, p. 67) NGC é a diferença entre esses investimentos (ACO) e financiamentos (PCO), é quanto à empresa necessita de capital para financiar suas atividades, ou seja, a necessidade de capital de giro.

Mattarazo (2010, p. 285) completa que para financiar a necessidade de capital de giro, a empresa pode contar normalmente com três tipos de financiamentos:

- ✓ Capital circulante próprio;
- ✓ Empréstimos e Financiamentos Bancários de Longo Prazo;
- ✓ Empréstimos Bancários de Curto Prazo e Duplicatas Descontadas;

Podemos demonstrar o cálculo da NGC conforme a figura 17.

Figura 17 – Necessidade de Capital de Giro

Necessidade de Capital de Giro =	ACO - PCO
----------------------------------	-----------

Fonte: Adaptado Matarazzo (2010)

Segundo Matarazzo (2010, p. 283,284) a necessidade de capital de giro é a chave para a administração financeira de uma empresa. Nenhuma análise econômico-financeira de empresa pode prescindir de abordar a NGC de tamanha a sua importância.

### 2.6.3 Saldo de Tesouraria

Saldo de tesouraria é obtido pelo cálculo feito entre o ativo financeiro e passivo financeiro da empresa, a diferença entre as duas contas demonstrará se a empresa possui caixa suficiente para liquidar suas obrigações a curto prazo.

Para Martins, Miranda e Diniz (2014, p. 154),

O saldo em tesouraria é obtido pela diferença entre ativo financeiro e passivo financeiro, que sinaliza a política financeira da empresa, se positivo indica que a empresa terá disponibilidade de recursos para garantir a liquidez no curtíssimo prazo. Se negativo, pode evidenciar dificuldades financeiras iminentes.

Pode-se calcular o saldo de tesouraria conforme figura 18.

Figura 18 – Saldo de Tesouraria

Saldo de Tesouraria =	CCL – NCG
-----------------------	-----------

Fonte: Adaptado Martins, Diniz e Miranda (2014)

Segundo Santi Filho e Oliquevitch (2004) o saldo de tesouraria mostra aos analistas a situação financeira da empresa de curto prazo, quando seu saldo for positivo a empresa esta em uma situação financeira confortável, caso apresente saldo negativo terá que buscar recursos de terceiros para cumprir com suas atividades operacionais.

## 2.7 MARGEM DE CONTRIBUIÇÃO

Margem de contribuição é o valor que sobra da venda de uma mercadoria após a diminuição dos custos e despesas variáveis. Para Sá (2014, p. 50) a margem de contribuição serve para apurar a contribuição de um produto ou linha de produtos na formação do resultado da empresa.

Segundo Padoveze (2009, p. 370):

Margem de contribuição representa o lucro variável. É a diferença entre o preço de venda unitário do produto e os custos e despesas variáveis por unidade de produto, significa que em cada unidade vendida a empresa lucrará determinado valor.

Sendo que para chegar à margem de contribuição de um determinado produto é usado a seguinte forma conforme a figura 19.

Figura 19 - Margem de contribuição

$$\text{Margem de Contribuição} = \text{PV} - (\text{CV} - \text{DV})$$

Fonte: Adaptado Assaf Neto (2012)

Assaf (2012, p. 295) completa que a margem de contribuição total é a soma de todas as margens de contribuição relativas às unidades vendidas.

## 2.8 INADIMPLÊNCIA

Conforme Ângelo e Silveira (2000, p. 273):

O termo inadimplência refere-se ao devedor que inadimpli, que não cumpre no termo convencionado suas obrigações contratuais. De acordo com essa definição, qualquer atraso, mesmo que por um dia, colocaria o consumidor na condição de inadimplente.

Para Gitman (1997), a principal causa da inadimplência é a deficiência da administração, no qual seria responsável por mais de 50% dos casos. Para diminuir a inadimplência, as instituições financeiras necessitam reduzir os riscos ao conceder

o crédito, dessa forma, é indispensável à análise detalhada sobre as informações do tomador, como pretendem pagar, as garantias.

Blatt (1999), diz que um ponto chave para o setor de crédito do credor é monitorar constantemente o cliente, mesmo após a concessão do crédito, é necessário uma análise periódica.

Santos (2006, p. 16) destaque que:

a determinação do risco de inadimplência constitui-se em uma das principais preocupações dos credores, tendo em vista relacionar-se com a ocorrência de perdas financeiras que poderão prejudicar a liquidez (capacidade de honrar dívidas com os supridores de capital) e a capacidade de recursos nos mercados financeiros e de capitais.

Desta maneira toda instituição financeira está exposta ao risco na inadimplência ao conceder crédito, para reduzir tais riscos, é fundamental que faça uma análise criteriosa.

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho tem como propósito conhecer os aspectos contábeis, financeiros e patrimoniais mais relevantes que influenciam a análise na concessão de crédito adotadas por uma cooperativa de crédito, será apresentando o enquadramento metodológico e os procedimentos de coleta e análise dos dados desta pesquisa.

#### 3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Os objetivos usados para desenvolver o presente trabalho para identificar os prováveis riscos de inadimplência, no momento da análise de crédito de Pessoa Jurídica em uma cooperativa de crédito.

Segundo Gil (2002, p. 31), “[...] método significa caminho para se chegar a um fim” dessa forma método científico pode ser entendido como o caminho para se chegar a verdade da ciência”. Assim, pode-se dizer que este representa o caminho científico adotado para efetuar a presente pesquisa, ou seja as fontes utilizadas, a explicação de como e qual a maneira que foi realizado o trabalho.

Para Andrade (2003, p. 121) a “pesquisa é o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”.

A tipologia deste estudo quanto aos objetivos caracteriza-se como descritiva, pois visa identificar os prováveis riscos de inadimplência, no momento da análise de crédito de Pessoa Jurídica em uma cooperativa de crédito.

Segundo Malhotra (2001, p. 108), a pesquisa descritiva é “um tipo de pesquisa conclusiva que tem como principal objetivo a definição de algo, normalmente, características ou funções do negócio”.

Os procedimentos adotados para a realização desta pesquisa são bibliográfica e documental. Quanto bibliográfica, esta se dará por meio de livros, artigos de revistas, materiais de *internet*, entre outros.

Oliveira (2001, p. 119) afirma que:



Tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno. Normalmente o levantamento bibliográfico é realizado em biblioteca pública, faculdades, universidades e, especialmente, naqueles acervos que fazem parte do catálogo coletivo e das bibliotecas virtuais.

Quanto à abordagem do problema, este ocorrerá por meio de análise qualitativa que segundo Fachin (2003, p. 81) “a pesquisa qualitativa é caracterizada pelos seus tributos e relaciona aspectos não somente mensuráveis, mas também definidos descritivamente”.

### 3.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa documental será realizada observando o balanço patrimonial e balancete das empresas em estudo. Segundo Oliveira (1999), o estudo descritivo permite desenvolver um nível de análise onde é permitido identificar as distintas formas dos fenômenos, as arrumações e a classificação.

## 4 ESTUDO DE CASO

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS

Para fins da pesquisa utiliza-se o nome fictício para as três empresas em estudo de “Empresa A, Empresa B e Empresa C”. As mesmas estão inseridas no mercado no ramo de confecção de roupas jeans, ambas possuem um mix de produtos variados. Enquadradas na sociedade limitada, as confecções são administradas por familiares.

Possuem uma participação no mercado jeans e estão sempre realizando pesquisas para análise do público-alvo, tendências de mercado, fornecedores, localização e outros fatores. As confecções de jeans contam com suas oficinas de criação e possuem uma estrutura com um espaço para sua produção. As mesmas contam com profissionais que possuem qualificação técnica para designer, corte e costura dos jeans.

### 4.2 PRODUTOS E SERVIÇOS

As empresas estão inseridas no segmento Jeans, onde através de um portfólio de produtos os clientes escolhem modelos e as quantidades que serão produzidos, recebendo as mercadorias prontas para a venda ao consumidor final.

Ambas trabalham por encomenda e nas negociações são tratados preços, prazos, quantidades e modificações nas peças.

Como o Jeans é um produto que não para de ser reinventando, as Empresas A, B & C, continuam aperfeiçoando, inovando e divulgando seus produtos e serviço, acompanhando todas as tendências, valorizando os colaboradores, atendendo seus clientes e fortalecendo seus mix de produtos.

### 4.3 CLIENTES

Os clientes das empresas em estudo estão concentrados nas regiões do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do sul. Seus clientes são lojas e atacados de pequeno e médio porte. Podemos descartar que na base de clientes das empresas

estão inseridas empresas que possuem marca própria, onde seus produtos são criados pelas empresas em estudo e vendidos em suas lojas.

A atenção dedicada aos clientes e a busca contínua para oferecer produtos de qualidade vem mantendo as empresas com resultados satisfatórios para o segmento.

#### 4.4 ETAPAS DO ESTUDO

Após apresentações das características das empresas, será feito as análises em ambas através das demonstrações contábeis, para tal análise foi solicitado às empresas seus balanços patrimoniais que tem por objetivo apresentar a real situação da empresa em determinada data, a escolha das empresas teve como base a situação econômica que o setor vem passando.

As demonstrações contábeis utilizadas para o estudo têm como data base o balanço patrimonial e DRE de 2014.

Através do balanço patrimonial e DRE será feito uma análise evidenciando o grau de endividamento, prazos médios índices de liquidez e suas margens.

#### 4.5 ANÁLISE COM BASE NAS DEMOSNTRAÇÕES FINANCEIRAS

##### **4.5.1 Análise do Balanço Patrimonial Empresa A**

No quadro 1 é apresentado o Balanço Patrimonial da Empresa A em estudo, que compreende as contas do ativo e passivo com data findo em 31 de dezembro de 2014.

Quadro 1 - Balanço Patrimonial Empresa A

A T I V O			P A S S I V O		
<b>Ativo Circulante</b>	<b>R\$ 1.638.257,84</b>	<b>87%</b>	<b>Passivo Circulante</b>	<b>R\$ 949.939,58</b>	<b>50%</b>
Disponibilidades	R\$ 148.250,23	8%	Fornecedores	R\$ 421.229,61	22%
<b>Clientes</b>	<b>R\$ 1.245.188,51</b>	<b>66%</b>	Empréstimos a Pagar	R\$ 412.571,83	22%
(-) títulos Descontados	-R\$ 899.710,00		Tributos a Pagar	R\$ 35.001,18	2%
(-) inadimplência	-R\$ 39.345,73	-2%	Contas a Pagar	R\$ 56.627,00	3%
<b>Estoques</b>	<b>R\$ 1.183.874,83</b>	<b>63%</b>	Salários e Enc.Pagar	R\$ 24.509,96	1%
Outros Valores a Rec.	R\$ 0,00		Outras Obrigações a Pagar	R\$ 0,00	0%
<b>Ativo Não-Circulante</b>	<b>R\$ 246.281,95</b>	<b>13%</b>	<b>Passivo Não-Circulante</b>	<b>R\$ 296.553,76</b>	<b>16%</b>
<b>Imobilizado</b>	<b>R\$ 246.281,95</b>	<b>13%</b>	Empréstimos a Pagar	R\$ 296.553,76	16%
			<b>Patrimônio Líquido</b>	<b>R\$ 638.046,45</b>	<b>34%</b>
			Capital Social	R\$ 165.000,00	9%
			Lucros Acumulados	R\$ 473.046,45	25%
<b>Total do Ativo</b>	<b>R\$ 1.884.539,79</b>	<b>100%</b>	<b>Total do Passivo</b>	<b>R\$ 1.884.539,79</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo Autor.

A empresa apresenta um ativo circulante de alta representatividade frente ao ativo total, demonstrando alto volume de bens e direitos de curto prazo, no entanto 63% do Ativo se refere a Estoques, ou seja, a empresa depende da transformação e venda destes bens para tornar o ativo um recurso líquido. Outro fator relevante é que a empresa possui um alto valor de duplicatas descontadas, demonstrando que precisa de recursos onerosos para financiar seu caixa.

No passivo, observamos também uma alavancagem com recursos de terceiros, pois 66% do passivo estão alocados no PC e PNC, frente 34% de PL. Isso não significa que o indicador seja ruim, no entanto se esta alavancagem for com recursos onerosos (Instituições financeiras), poderá estar indicando uma fragilidade.

No caso acima, podemos observar que a empresa busca recursos onerosos para suprir seu caixa, o que gera um alto volume de despesas financeiras, impactando diretamente no resultado da empresa.

#### 4.5.2 Análise do DRE Empresa A

A seguir no quadro 2 será apresentado o DRE da Empresa A em estudo, por meio da análise do DRE os analistas podem verificar o resultado da empresa.

Quadro 2 – DRE Empresa A

DRE - DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO -		Empresa A	
	Valor Mensal	Valor Anual	
<b>Receita Operacional Bruta</b>	<b>R\$ 562.081,86</b>	<b>R\$ 6.744.982,26</b>	<b>106,64%</b>
(-) Impostos Sobre Vendas	R\$ 35.001,18	R\$ 420.014,19	6,64%
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>R\$ 527.080,67</b>	<b>R\$ 6.324.968,07</b>	<b>100,00%</b>
(-) Custo das Merc.Vendidas ou Matérias-Primas	R\$ 300.878,29	R\$ 3.610.539,53	57,08%
<b>Lucro Bruto</b>	<b>R\$ 226.202,38</b>	<b>R\$ 2.714.428,54</b>	<b>42,92%</b>
(-) Gastos Com Salários e Encargos	R\$ 24.509,96	R\$ 294.119,47	4,65%
(-) Gastos Administrativos e Comerciais	R\$ 95.972,73	R\$ 1.151.672,73	18,21%
<b>Margem Líquida</b>	<b>R\$ 105.719,70</b>	<b>R\$ 1.268.636,34</b>	<b>20,06%</b>
(-) Despesas Financeiras	R\$ 55.818,79	R\$ 669.825,42	10,59%
<b>LUCRO OPERACIONAL</b>	<b>R\$ 49.900,91</b>	<b>R\$ 598.810,92</b>	<b>9,47%</b>

Fonte: Elaborado pelo Autor

A empresa em estudo apresenta um alto custo das mercadorias, porém compatível com o setor de atuação. Apresentou também um lucro operacional de 9,47%. No demonstrativo verifica-se que a empresa gasta 10,59% de sua receita operacional líquida com despesas financeiras, ou seja, valor superior ao seu resultado final.

Apesar do alto custo com mercadorias e despesas financeiras, a empresa consegue apresentar resultado positivo, no entanto há espaço significativo para melhoria.

#### 4.5.3 Análise dos Indicadores Empresa A

A seguir no quadro 3 serão apresentados os indicadores da Empresa A em estudo, por meio da análise dos indicadores os analistas podem verificar a situação da empresa.

Quadro 3 – Indicadores Empresa A

Liquidez Corrente	1,72	Margem Bruta	43%
Liquidez Seca	0,48	Margem Operacional/Líquida	9%
Liquidez Geral	1,31	Prazo Médio de Estocagem	118
Endivid. de Curto Prazo	1,49	Prazo Médio de Recebimentos	66
Endividamento do PL	1,95	Ciclo Operacional	184
Imobilização do PL	0,39	Prazo Médio de Pagamentos	42
Retorno do PL (ao ano)	0,94	Ciclo Financeiro	142
Retorno do Ativo (ao ano)	0,32	CCL - (Cap Circul Ciclico)	R\$ 688.318,26
Giro do Ativo	3,36	NCG ou IOG (Neces Cap Giro)	R\$ 952.639,86
		ST - Saldo Tesouraria	-R\$ 264.321,60

Fonte: Elaborado pelo Autor

Com base nas informações apresentadas pelos indicadores para fins de análise financeira, podemos perceber que a empresa apresenta liquidez seca de 0,48. Esse indicador demonstra que a empresa não consegue honrar seus compromissos de curto prazo se não vender seu estoque.

Quando analisamos os indicadores de prazos, fica evidente que a empresa precisa de recursos de terceiros para financiar seu caixa, pois o prazo de pagamento é significativamente inferior ao de recebimento. Esse indicador, combinado com alto volume de estoque, faz com que a empresa constantemente busque recursos de terceiros para equilibrar seu caixa, aumentando assim o seu endividamento com terceiros.

Apesar do endividamento oneroso e dos indicadores de prazos ruins, a empresa consegue ter uma margem final de 9,47%, margem aceitável para o segmento. No entanto esse resultado poderia ser muito superior caso a empresa conseguisse ajustar os indicadores de prazos, reduzindo assim sua alavancagem com recursos onerosos de terceiros.

#### 4.5.4 Análise do Balanço Patrimonial Empresa B

A seguir no quadro 4 será apresentado o Balanço Patrimonial da Empresa B em estudo, que compreende as contas do ativo e passivo com data findo em 31 de dezembro de 2014.

Quadro 4 - Balanço Patrimonial Empresa B

ATIVO			PASSIVO		
Ativo Circulante	R\$ 1.687.977,47	91%	Passivo Circulante	R\$ 1.271.889,13	69%
Disponibilidades	R\$ 120.550,50	6%	Fornecedores	R\$ 438.982,60	24%
Clientes	R\$ 937.987,42	51%	Empréstimos a Pagar	R\$ 692.408,20	37%
(-) títulos Descontados	-R\$ 22.594,00		Tributos a Pagar	R\$ 80.289,82	4%
(-) inadimplência	-R\$ 28.247,75	-2%	Contas a Pagar	R\$ 36.935,14	2%
Estoques	R\$ 680.281,30	37%	Salários e Enc.Pagar	R\$ 23.273,36	1%
Outros Valores a Rec.	R\$ 0,00		Outras Obrigações a Pagar		0%
Ativo Não-Circulante	R\$ 167.287,18	9%	Passivo Não-Circulante	R\$ 320.332,36	17%
Imobilizado	R\$ 167.287,18	9%	Empréstimos a Pagar	R\$ 320.332,36	17%
			Patrimônio Líquido	R\$ 263.043,16	14%
			Capital Social	R\$ 120.000,00	6%
			Lucros Acumulados	R\$ 143.043,16	8%
Total do Ativo	R\$ 1.855.264,65	100%	Total do Passivo	R\$ 1.855.264,65	100%

Fonte: Elaborado pelo Autor

A empresa B apresenta um ativo circulante de alta representatividade frente ao ativo total, demonstrando alto volume de bens e direitos de curto prazo, no entanto 37% do Ativo se refere a Estoques, ou seja, depende da venda para se tornar recurso líquido. 51% do seu Ativo é referente a clientes, demonstrando que a empresa possui um alto valor a receber, caso necessite de recurso não poderá contar com esse valor dependendo do prazo médio de seus recebimentos.

No passivo, observamos também uma alavancagem com recursos de terceiros, pois 86% do passivo estão alocados no PC e PNC, frente 14% de PL.

Para fins de análise observamos que 63% dos recursos de terceiros são onerosos (instituições financeiras). No caso acima, podemos observar que a empresa busca recursos onerosos para suprir seu caixa, o que gera um alto volume de despesas financeiras, impactando diretamente no resultado da empresa.

#### 4.5.5 Análise do DRE Empresa B

A seguir no quadro 5 será apresentado o DRE da Empresa B em estudo, por meio da análise do DRE os analistas podem verificar o resultado da empresa.

Quadro 5 – DRE Empresa B

DRE - DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO -		Empresa B	
	Valor Mensal	Valor Anual	
<b>Receita Operacional Bruta</b>	<b>R\$ 564.954,97</b>	<b>R\$ 6.779.459,66</b>	116,57%
(-) Impostos Sobre Vendas	R\$ 80.289,82	R\$ 963.477,86	16,57%
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>R\$ 484.665,15</b>	<b>R\$ 5.815.981,80</b>	100,00%
(-) Custo das Merc.Vendidas ou Matérias-Primas	R\$ 282.144,26	R\$ 3.385.731,12	58,21%
<b>Lucro Bruto</b>	<b>R\$ 202.520,89</b>	<b>R\$ 2.430.250,68</b>	41,79%
(-) Gastos Com Salários e Encargos	R\$ 23.273,36	R\$ 279.280,34	4,80%
(-) Gastos Administrativos e Comerciais	R\$ 65.182,89	R\$ 782.194,71	13,45%
<b>Margem Líquida</b>	<b>R\$ 114.064,64</b>	<b>R\$ 1.368.775,63</b>	23,53%
(-) Despesas Financeiras	R\$ 63.931,86	R\$ 767.182,37	13,19%
<b>LUCRO OPERACIONAL</b>	<b>R\$ 50.132,77</b>	<b>R\$ 601.593,26</b>	10,34%

Fonte: Elaborado pelo Autor

A empresa em estudo apresenta um alto custo das mercadorias, porém compatível com o setor de atuação. Empresa apresenta uma margem líquida de 23,53%, margem considerada alta para o segmento, porém 13,19% da receita líquida é destinada ao pagamento de despesas financeiras, evidenciando seu alto comprometimento com capital de terceiros.

Apesar do alto custo com terceiros a empresa consegue apresentar resultado positivo e acima da média do segmento.

#### 4.5.6 Análise dos Indicadores Empresa B

A seguir no quadro 6 serão apresentados os indicadores da Empresa B em estudo, por meio da análise dos indicadores os analistas podem verificar a situação da empresa.

Quadro 6 – Indicadores Empresa B

Liquidez Corrente	1,33
Liquidez Seca	0,79
Liquidez Geral	1,06
Endivid. de Curto Prazo	4,84
Endividamento do PL	6,05
Imobilização do PL	0,64
Retorno do PL (ao ano)	2,29
Retorno do Ativo (ao ano)	0,32
Giro do Ativo	3,13

Margem Bruta	42%
Margem Operacional/Líquida	10%
Prazo Médio de Estocagem	72
Prazo Médio de Recebimentos	50
Ciclo Operacional	122
Prazo Médio de Pagamentos	47
Ciclo Financeiro	75
CCL	R\$ 416.088,34
NCG ou IOG (Neces Cap Giro)	R\$ 987.946,04
ST - Saldo Tesouraria	-R\$ 571.857,70

Fonte: Elaborado pelo Autor

Com base nas informações apresentadas pelos indicadores para fins de análise financeira, podemos perceber que a empresa apresenta liquidez seca de 0,79. Esse indicador demonstra que a empresa não consegue honrar seus compromissos de curto prazo se não vender seu estoque.

Quanto à análise dos indicadores de prazos médios, observamos que a empresa necessita de capital de terceiros para financiar seu caixa, pois o prazo de pagamento é inferior ao de recebimento em 3 (três) dias. Esse fator somado ao seu alto volume de estoque faz com que a empresa tenha que buscar recursos de terceiros para equilibrar seu caixa.

Também podemos verificar que o prazo médio de estocagem da empresa é de 72 dias. Este prazo elevado pode gerar problemas de liquidez fazendo com que a empresa necessite de recursos onerosos para financiar o caixa.

Apesar do endividamento oneroso e dos indicadores de prazos ruins, a empresa consegue ter uma margem final de 10%, aceitável para o segmento. No entanto esse resultado poderia ser muito superior caso a empresa conseguisse ajustar os indicadores de prazos, reduzindo assim sua alavancagem com recursos onerosos de terceiros.



#### 4.5.7 Análise do Balanço Patrimonial Empresa C

A seguir no quadro 7 será apresentado o Balanço Patrimonial da Empresa C em estudo, que compreende as contas do ativo e passivo com data findo em 31 de dezembro de 2014.

Quadro 7 - Balanço Patrimonial Empresa C

ATIVO			PASSIVO		
Ativo Circulante	R\$ 754.322,15	84%	Passivo Circulante	R\$ 755.165,28	84%
Disponibilidades	R\$ 82.135,20	9%	Fornecedores	R\$ 419.162,61	47%
Clientes	R\$ 756.085,79	85%	Empréstimos a Pagar	R\$ 248.234,68	28%
(-) títulos Descontados	-R\$ 663.232,00		Tributos a Pagar	R\$ 46.948,96	5%
(-) inadimplência	-R\$ 43.308,06	-5%	Contas a Pagar	R\$ 23.382,72	3%
Estoques	R\$ 622.641,22	70%	Salários e Enc.Pagar	R\$ 17.436,31	2%
Outros Valores a Rec.	R\$ 0,00		Outras Obrigações a Pagar		0%
Ativo Não-Circulante	R\$ 139.676,11	16%	Passivo Não-Circulante	R\$ 35.215,29	4%
Imobilizado	R\$ 139.676,11	16%	Empréstimos a Pagar	R\$ 35.215,29	4%
			Patrimônio Líquido	R\$ 103.617,69	12%
			Capital Social	R\$ 50.000,00	6%
			Lucros Acumulados	R\$ 53.617,69	6%
Total do Ativo	R\$ 893.998,26	100%	Total do Passivo	R\$ 893.998,26	100%

Fonte: Elaborado pelo Autor

A empresa apresenta um ativo circulante de alta representatividade frente ao ativo total, demonstrando alto volume de bens e direitos de curto prazo, no entanto 70% do Ativo se refere a Estoques. Outro fator relevante é o fato de empresa possuir um alto valor de duplicatas descontadas, demonstrando que precisa de recursos onerosos para financiar seu caixa devido ao elevado ciclo financeiro.

No passivo, observamos também uma alavancagem com recursos de terceiros, pois 88% do passivo está alocado no PC e PNC, frente 12% de PL. Isso não significa que o indicador seja ruim, no entanto se esta alavancagem for com recursos onerosos (Instituições financeiras), poderá estar indicando uma fragilidade. No caso acima, podemos observar que a empresa busca recursos onerosos para suprir seu caixa, o que gera um alto volume de despesas financeiras, impactando diretamente no resultado da empresa.

#### 4.5.8 Análise do DRE Empresa C

A seguir no quadro 8 será apresentado o DRE da Empresa C em estudo, por meio da análise do DRE os analistas podem verificar o resultado da empresa.

Quadro 8 – DRE Empresa C

DRE - DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO -		Empresa C	
	Valor Mensal	Valor Anual	
<b>Receita Operacional Bruta</b>	<b>R\$ 433.080,62</b>	<b>R\$ 5.196.967,46</b>	<b>112,16%</b>
(-) Impostos Sobre Vendas	R\$ 46.948,96	R\$ 563.387,49	12,16%
<b>Receita Operacional Líquida</b>	<b>R\$ 386.131,66</b>	<b>R\$ 4.633.579,97</b>	<b>100,00%</b>
(-) Custo das Merc.Vendidas ou Matérias-Primas	R\$ 221.765,78	R\$ 2.661.189,36	57,43%
<b>Lucro Bruto</b>	<b>R\$ 164.365,88</b>	<b>R\$ 1.972.390,61</b>	<b>42,57%</b>
(-) Gastos Com Salários e Encargos	R\$ 17.436,31	R\$ 209.235,73	4,52%
(-) Gastos Administrativos e Comerciais	R\$ 66.690,78	R\$ 800.289,40	17,27%
<b>Margem Líquida</b>	<b>R\$ 80.238,79</b>	<b>R\$ 962.865,48</b>	<b>20,78%</b>
(-) Despesas Financeiras	R\$ 36.022,80	R\$ 432.273,55	9,33%
<b>LUCRO OPERACIONAL</b>	<b>R\$ 44.215,99</b>	<b>R\$ 530.591,94</b>	<b>11,45%</b>

Fonte: Adaptado pelo Autor

A empresa em estudo apresenta um alto custo das mercadorias, porém compatível com o setor de atuação. Margem líquida da empresa é de 20,78%, considerada acima da média para o segmento. O lucro operacional Líquido é de 11,45%.

Apesar do alto valor alocado em despesas financeiras, a empresa consegue apresentar lucro.

#### 4.5.9 Análise dos Indicadores Empresa C

A seguir no quadro 9 serão apresentados os indicadores da Empresa C em estudo, por meio da análise dos indicadores os analistas podem verificar a situação da empresa.

### Quadro 9 – Indicadores Empresa C

Liquidez Corrente	1,00
Liquidez Seca	0,17
Liquidez Geral	0,95
Endivid. de Curto Prazo	7,29
Endividamento do PL	7,63
Imobilização do PL	1,35
Retorno do PL (ao ano)	5,12
Retorno do Ativo (ao ano)	0,59
Giro do Ativo	5,18

Margem Bruta	43%
Margem Operacional/Líquida	11%
Prazo Médio de Estocagem	84
Prazo Médio de Recebimentos	52
Ciclo Operacional	136
Prazo Médio de Pagamentos	57
Ciclo Financeiro	79
CCL	-R\$ 843,13
NCG ou IOG (Neces Cap Giro)	R\$ 165.256,35
ST - Saldo Tesouraria	-R\$ 166.099,48

Fonte: Adaptado Autor

Com base nas informações apresentadas pelos indicadores para fins de análise financeira, podemos perceber que a empresa apresenta liquidez seca de 0,17. Esse indicador demonstra que a empresa não consegue honrar seus compromissos de curto prazo se não vender seu estoque.

Quando analisamos os indicadores de prazos a empresa recebe antes do que paga seus fornecedores, porém seu ciclo operacional fica evidente que a empresa precisa de recursos de terceiros para financiar seu caixa, pois o saldo de tesouraria é negativo. Esse indicador, combinado com alto volume de estoque, faz com que a empresa constantemente busque recursos de terceiros para equilibrar seu caixa, aumentando assim o seu endividamento com terceiros.

Também podemos verificar que o prazo médio de estocagem da empresa é elevado, 84 dias. Demonstrado fragilidade, caso necessite quitar suas dívidas de curto prazo não terá valor suficiente em caixa.

Apesar do endividamento oneroso e dos indicadores de prazos insatisfatórios, a empresa consegue ter uma margem final de 11%, aceitável para o segmento. No entanto esse resultado poderia ser muito superior caso a empresa conseguisse ajustar os indicadores de prazos, reduzindo assim sua alavancagem com recursos onerosos de terceiros.

#### 4.6 COMENTÁRIO EMPRESAS A, B & C

Com base nas informações apresentadas pelas empresas A, B & C, foi possível analisar o Balanço Patrimonial, Indicadores e DRE com data finda em 31 de dezembro 2014.

Destacamos que as três empresas estão com o grau de endividamento com instituições financeiras elevadas, seus indicadores de liquidez são baixo devido

seus altos estoques, apresentam prazo médio elevado, precisando de recursos para girar seu caixa.

Podemos destacar que ambas apresentam lucro operacional compatível com o segmento, porém para fins de análise, todas apresentam grande despesa financeira, oriunda de seus endividamentos que estão alocados entre empréstimos e descontos de duplicatas.

Outro ponto bastante importante que podemos destacar que ambas empresas apresentam valor do PL baixo para o porte do seu faturamento, quanto ao respaldo patrimonial das empresas, não possui patrimônio suficiente se compararmos com seus endividamentos, relevando que todo seu lucro está sendo utilizado para girar seu caixa e não investido na empresa.

Para fins de análise podemos destacar que com as informações analisadas pelo Balanço Patrimonial, DRE e Indicadores, ambas as empresas apresentam faturamento similar, destaca-se que a empresa C em estudo apresenta uma receita de aproximadamente 18% abaixo, se comparada com as demais. Porém o fator de sua receita ser menor nesse momento, não afetou a geração de resultado comparado com as demais.

Quando comparamos os índices de liquidez das empresas, os índices de liquidez corrente a empresa A e B apresentam bom índice, à empresa C está em uma situação que requer mais cuidado, porém esses índices são calculados considerando os valores dos estoques. Analisando de forma mais criteriosa ambas as empresas apresentam alto valor em estoque, assim podemos ressaltar que as empresas apresentam liquidez seca baixa, ocorrendo que não conseguem honrar seus compromissos a curto prazo caso não venda seu estoque.

Outro fator que devemos apontar na análise das empresas é o grau de endividamento, ambas apresentam valores elevados decorrentes de financiamentos e descontos de duplicatas. A empresa A e C apresentam alto índice de desconto de duplicata em comparação à empresa B. Na empresa B é descontado, apenas 2.41% de suas duplicatas faturadas no período da análise, assim o estudo revela que embora a empresa B o endividamento seja menor que a empresa A, e semelhante com a empresa C, sua despesa financeira é maior que as outras empresas.

As empresas apresentam ciclo operacional elevado, porém à empresa A em estudo apresenta um ciclo operacional elevado de 182 dias, devido seu prazo e estocagem ser longo. As empresas B & C apresentam prazos parecidos. Como

reflexo do seu ciclo operacional a empresa A apresenta um ciclo financeiro elevado, 142 dias, as empresas B & C apresentam prazos semelhantes. Porém, se fizer uma média do ciclo operacional das empresas, vamos ter um prazo de 146 dias, reflexo do atual cenário que as confecções vem passando.

Com prazos elevados as empresas estudadas estão frequentemente necessitando de recursos de terceiros a curto prazo como já identificamos, na análise feita podemos salientar que a empresa A & B apresentam uma necessidade de capital de giro maior que a empresa C.

As empresas apresentam margem líquida similares, fator ocorre devido, empresas estarem inseridas na mesma região e sua área de atuação ser praticamente semelhante. A margem de liquidez apresentada por ambas é relativamente igual e condizente com o atual cenário que as confecções vêm passando.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de apresentar um comparativo com base nas demonstrações financeiras de empresas de médio porte que atuam no setor têxtil da região de Criciúma, que devido o atual cenário da economia, redução das margens e prazos longos, necessitam de recursos de terceiros para financiar suas atividades.

Com o grande crescimento por demanda de crédito, as instituições financeiras estão cada vez mais preocupadas com o risco de inadimplência ao conceder financiamentos, sendo indispensável uma criteriosa análise das empresas no momento da liberação de algum crédito.

No objetivo geral desse trabalho almejou-se aplicar um modelo de análise das demonstrações financeiras, em empresas de médio porte do setor têxtil, por uma cooperativa de crédito, tal objetivo foi atingido no decorrer da fundamentação teórica e posteriormente aplicada no estudo de caso.

Em relação ao primeiro objetivo específico, foram verificadas quais as principais análises financeiras utilizadas no processo de análise de crédito dentro da cooperativa de crédito. Constatou-se que no momento da análise são utilizados como base de informações, os Balanços Patrimoniais e DRE, destacando os índices de liquidez, endividamento, prazos médio e margens.

Quanto ao segundo objetivo específico foi criada uma planilha para análise das demonstrações financeiras das empresas em estudo, utilizando os dados dos Balanços Patrimoniais e DRE.

Em relação ao terceiro objetivo específico foi aplicado às informações obtidas nos Balanços Patrimoniais e DRE das empresas, onde foi possível calcular os índices de liquidez, índices de endividamento, prazos médios, margens, despesas e lucro do período analisado. Tendo como fator predominante a situação financeira da empresa, para a cooperativa de crédito tomar qualquer decisão para liberação de crédito.

Concluir-se que, através do estudo aplicado com base nas informações financeiras das empresas, foi alcançado o objetivo do estudo, onde foi possível verificar que as empresas analisadas apresentam uma situação financeira desfavorável para aquisição de um novo empréstimo. Onde foram evidenciados que as empresas estão com grau de endividamento elevado, baixos índices de liquidez e

prazos de recebimentos longos. Mostrando que a probabilidade de inadimplência é muito grande na concessão de crédito para as empresas analisadas.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Margarida. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- ANGELO, Cláudio Felisoni; SILVEIRA, Augusto Giesbrecht. **Finanças no varejo**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 214 p.
- ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços** um enfoque econômico-financeiro. 6.ed São Paulo: Ed. Atlas, 2001. 219 p.
- \_\_\_\_\_. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro: comércio e serviços, indústrias, bancos comerciais e múltiplos**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2006. 371 p
- \_\_\_\_\_. **Finanças corporativas e valor**. 3. ed São Paulo: Atlas, 2007. 716p.
- \_\_\_\_\_. **Finanças corporativas e valor**. 6.ed São Paulo: Atlas, 2012. 762p.
- BERNI, Mauro Tadeu. **Operação e concessão de crédito: os parâmetros para a decisão de crédito**. São Paulo: Atlas, 1999.
- BLATT, Adriano. **Avaliação de risco e decisão de crédito: um enfoque prático**. São Paulo: Nobel. 1999.
- BRAGA, Hugo Rocha. **Demonstrações contábeis: estrutura, análise e interpretação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 221 p.
- BROM, Luiz Guilherme; BALIAN, José Eduardo Amato. **Análise de investimentos e capital de giro: conceitos e aplicações**. São Paulo: Saraiva, 2007. 132 p.
- FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**.4 ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. São Paulo: Positivo, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**.3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. 7. ed. São Paulo: Habra, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Princípios da administração financeira**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Princípios de administração financeira**. 10. ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2004.



HOJI, Masakazu. **Práticas de tesouraria: cálculos financeiros de tesouraria, operações com derivativos e hedge.** São Paulo: Atlas, 2001.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Ernesto Rubens. **Manual de contabilidade das sociedades por ações (aplicável às demais sociedades).** 7.ed. rev. e atual. São Paulo: Atlas, 2007. 646 p.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Contabilidade comercial.** 5 ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002. 343 p.

\_\_\_\_\_. **Análise de balanços.** 9. ed. rev. e atual São Paulo: Atlas, 2007. 254 p.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001

MARTINS, Eliseu; MIRANDA, Gilberto José; DINIZ, Josedilton Alves. **Análise didática das demonstrações contábeis.** São Paulo: Atlas, 2014. 252 p.

MATARAZZO, Dante C. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 459 p.

\_\_\_\_\_. **Análise financeira de balanços: abordagem gerencial.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 372 p

MORANTE, Antonio Salvador. **Análise das demonstrações financeiras: aspectos contábeis das demonstração de resultado e do balanço patrimonial.** São Paulo: Atlas, 2007. 111p.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratados de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses.** 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses.** São Paulo: Pioneira, 2001. 320 p.

PADOVEZE, Clóvis Luís. . **Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil.** 5. ed São Paulo: Atlas, 2009. 625 p.

PEREZ JÚNIOR, José Hernandez; BEGALLI, Glaucos Antonio. **Elaboração das demonstrações contábeis.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002. 278 p.

RIBEIRO, Osni Moura. **Estrutura e Análise de Balanços.** 6 ed., São Paulo: Saraiva, 2002.

SÁ, Carlos Alexandre. **Orçamento empresarial: novas técnicas de elaboração e de acompanhamento.** 2014, 281 p.

SANTI FILHO, Armando de; OLINQUEVITCH, José Leônidas. **Análise de balanços para controle gerencial.** 4. ed São Paulo: Atlas, 2004. 394 p.

SANTI FILHO, Armando de. **Avaliação de riscos de crédito**: para gerentes de operações. São Paulo: Atlas, 1997

SANTOS, Edno de Oliveira. **Administração financeira de pequena e média empresa**. São Paulo: Atlas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Administração financeira da pequena e média empresa**. São Paulo: Atlas, 2001. 252 p.

\_\_\_\_\_. **Administração Financeira da pequena e média empresa**. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTOS, José Odálio dos. **Análise de crédito**: empresas e pessoas físicas. São Paulo: Atlas, 2000. 185 p.

\_\_\_\_\_. **Análise de crédito**: empresas e pessoas físicas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Análise de crédito**: empresas e pessoas físicas. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SECURATO, José Roberto. **Análise e avaliação do risco**. 2.ed São Paulo: Ed. Saint Paul, 2012. 310 p.

SERASA EXPERIAN. Disponível em:

<<http://noticias.serasaexperian.com.br/inadimplencia-das-empresas-tem-alta-de-134-em-setembro-revela-indicador-da-serasa-experian>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

SILVA, Jose Pereira da. **Gestão e análise de risco de crédito**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Gestão e análise de risco de crédito**. São Paulo: Atlas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gestão e análise de risco de crédito**.3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

\_\_\_\_\_. **Análise financeira das empresas**. 5 ed. São Paulo: Atlas,2001.

\_\_\_\_\_. **Gestão e análise do risco de crédito**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SCHRICKEL, Wolfgang Kurt. **Análise de crédito**: concessão e gerencia de empréstimos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Análise de crédito**: concessão e gerência de empréstimos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIEIRA, Marcos Villela. **Administração estratégica do capital de giro**. São Paulo: Atlas, 2005. 326p.